

Os livros de contabilidade de um mercador italiano em Lisboa (1462-63): percurso de investigação

Ana Clarinda Cardoso¹
Universidade do Porto

Resumo

Neste artigo, apresentamos os pontos principais da nossa dissertação de mestrado. O nosso estudo tem por base os dois livros de contabilidade de Michele da Colle, mercador toscano estante em Lisboa na segunda metade do século XV, que foram redigidos em 1462 e 1463. A dissertação está estruturada em três grandes grupos, orientados também pelas questões de partida. Em primeiro lugar, temos um capítulo sobre a contabilidade e sobre a aplicação do método de partidas dobradas. A segunda parte é relativa à atividade comercial, na qual se analisam os produtos transacionados, os valores movimentados e se identificam os respetivos clientes. A terceira parte é dedicada à atividade financeira do mercador, na qual se identificam os instrumentos financeiros utilizados e respetivos valores e agentes envolvidos. Por fim, pretende-se perceber qual o peso relativo de cada uma destas duas atividades do mercador.

Palavras-chave: contabilidade, mercadores italianos, comércio, Lisboa

Abstract

In this article, we present the main aspects of our Master dissertation. The study is based on Michele da Colle's account books, Tuscan merchant in Lisbon in the second half of the 15th century, written in 1462 and 1463. The dissertation is structured into three main groups, guided also by the starting questions. In the first chapter, we analyse the subject of accounting and the characteristics of the double-entry method. The second part is about the commercial activity, in which we analyse the products that Michele trades, their prices and the main customers. The third part is devoted to the financial activity of the merchant, in which we seek to identify the financial instruments that he uses, and the values and agents involved. Finally, we try to establish the balance between these two activities.

Keywords: accounting, Italian merchants, trade, Lisbon.

Este artigo tem como objectivo principal servir como momento de reflexão de todo o percurso de investigação que encetámos e que conduziu à redação da nossa dissertação de mestrado.² Tendo em conta que à data de submissão deste artigo, as provas de mestrado já se encontram agendadas, considerámos que seria mais pertinente a elaboração de um texto no qual fosse possível perscrutar o percurso de investigação e os diferentes momentos do mesmo.³ Para além disso, aproveitaremos

¹ Bolseira de investigação do grupo *Economias, agentes e culturas mercantis* do CHAM – FCSH/NOVA-UAc (UID/HIS/04677/2013).

² Dissertação de mestrado realizada no curso de Mestrado em Estudos Medievais da Faculdade de Letras da Universidade do Porto (2014/2016), orientada pelo Professor Doutor Luís Miguel Duarte e coorientada pela Doutora Joana Sequeira. A dissertação teve como título final: *Os livros de contas do mercador Michele da Colle (1462-63): do registo contabilístico à atividade comercial e financeira na praça de Lisboa*.

³ A comunicação que realizámos no Workshop de Estudos Medievais teve lugar no dia 7 de abril de 2016. Nessa altura, apresentámos o projeto daquilo que viria a ser a nossa dissertação e avançámos com os primeiros resultados da nossa investigação. Aquando da submissão deste

este espaço para nos determos, com maior detalhe, em alguns aspetos, como é o caso do enquadramento historiográfico, que não foram incluídos na nossa dissertação, tendo em conta a limitação de páginas que nos é imposta.

1. O MERCADOR E OS SEUS DOIS LIVROS DE CONTABILIDADE

Michele era um dos filhos de Iacopo da Colle, mercador italiano que, desde 1445, detinha, juntamente com o irmão, uma companhia em Pisa especializada no comércio de papel produzido na região da Toscana. Através desta agência, efetuam-se os primeiros contactos com Portugal: em 1448, com a venda de papel a um português que se encontrava naquela cidade italiana e, em 1450, numa operação de exportação de panos florentinos para Lisboa.¹ A companhia Da Colle foi uma pequena empresa, de cariz familiar, dentro do grande grupo Salviati.²

Em 1462, Michele da Colle, ainda jovem, inicia a sua atividade na companhia da família em Portugal, fixando-se em Lisboa, onde irá permanecer por 13 anos.³ A sua presença na praça portuguesa é-nos dada a conhecer pelo próprio ao indicar no fólio de abertura dos seus livros a expressão “*IN LISBONA*”. Para além disso, os dois livros de contabilidade em estudo são identificados com a letra *A*, o que nos demonstra que estamos perante o primeiro ano de atividade na praça portuguesa.⁴

Os livros de contabilidade do mercador seriam três: o *mastro* (livro de razão, em português), o *ricordanze* (memorial) e o *quaderno di cassa* (caderno de caixa). Contudo, apenas nos chegaram os dois primeiros, que constituem o alvo do nosso estudo. A existência do *quaderno* é-nos dada a conhecer apenas através de algumas remissões para o mesmo que encontramos no livro *mastro*. Falamos, como já indicado, de dois livros distintos. Importa notar que o *ricordanze* é composto por quatro secções diferentes. A primeira corresponde ao *giornale*, que consiste no conjunto de registos cronológicos das diferentes operações realizadas por Michele. Nestes registos, temos a indicação da data, do valor transacionado, uma explicação da operação e a remissão para as duas contas respetivas no livro *mastro*.⁵ As outras secções deste livro de *ricordanze* correspondem a cópias das letras de câmbio, a cópias de contas, contratos e letras de crédito, e, por fim, uma última secção que diz respeito às comissões.

Estes dois livros encontram-se no Arquivo Salviati, na Scuola Normale Superiore de Pisa, e fazem parte de uma coleção de cerca de 1700 livros de comércio que vão desde o século XIV ao XVIII, o que leva a que o mesmo seja considerado um dos maiores e mais importantes arquivos para a história económica, não só da Toscana, mas da Europa.⁶ Tendo em conta a sua dimensão, grande parte dos fundos continua por explorar, apesar de contarmos já com alguns trabalhos de investigadores e de estar em curso um projeto internacional centrado nos negócios e nas práticas mercantis das diferentes agências

artigo (15 de outubro de 2016), a nossa dissertação, entretanto concluída, foi já submetida e as provas encontram-se agendadas para o dia 16 de novembro de 2016.

¹ Joana Sequeira, “Michele da Colle: um mercador pisano em Lisboa no século XV” in *Con gran mare e fortuna: Circulação de pessoas mercadorias e ideias na Idade Moderna*, ed. Nunziatella Alessandrini et al. (Lisboa: Cátedra A. Benveniste, 2015) 23.

² Para melhor se conhecer o grupo Salviati, destacamos o trabalho de Antonio Carlomagno: *Il Banco Salviati di Pisa: Commercio e Finanza di una Compagnia Fiorentina tra il 1438 e il 1489* (Pisa: Universidade de Pisa, 2009).

³ O último registo que temos é de 1475, no qual Michele revela que estava de volta a Pisa (Sequeira, “Michele da Colle”, 25).

⁴ Esta forma de organização dos livros de contabilidade é-nos dada a conhecer pelos autores de manuais para mercadores, como Benedetto Cotrugli: Benedetto Cotrugli, *Della mercatura e del mercante perfetto* (Veneza: Elefanta, 1573), 71.

⁵ Normalmente, o *giornale* é um livro isolado, mas neste caso específico, atendendo à sua dimensão reduzida (cerca de 19 fólios), não se justificava a utilização de um livro exclusivo, tendo o mercador optado por inseri-lo no *ricordanze*.

⁶ Sequeira, “Michele da Colle”, 21-22.

que constituíam o grupo Salviati, nas praças de Londres, Lyon, Pisa, Florença, Bruges, Constantinopla e Lisboa nos séculos XV e XVI.¹

Verificamos, assim, que os livros de Michele da Colle não são um caso isolado, antes fazem parte de uma tradição de registos contabilísticos de diferentes companhias comerciais. Dentro do Arquivo Salviati, estes dois livros são parte integrante do fundo intitulado *Da Colle e Salviati. Giovanni da Colle e Averardo di Alamanno Salviati, di Banco in Lisbona*, composto por 10 livros e que foi alvo de um primeiro trabalho de fundo realizado por Marcelo Berti.²

2. ENQUADRAMENTO HISTORIOGRÁFICO

De facto, Marcelo Berti foi o primeiro autor a trabalhar com base nos livros de contabilidade de Michele da Colle. No seu estudo, aborda toda a atividade da companhia Da Colle, com especial atenção para as relações desta companhia pisana com Portugal, analisando, numa primeira parte, todos os contactos que se estabeleceram antes da fixação de Michele da Colle em Lisboa.³

Joana Sequeira é a investigadora que atualmente se tem dedicado ao estudo do fundo Da Colle, como membro da equipa científica do projeto ENPrESA, já referido. Num dos seus trabalhos, faz uma primeira referência à importância e especificidade destes documentos de contabilidade e uma análise mais detalhada da presença de Michele da Colle em Lisboa.⁴ Num outro artigo, estuda o comércio de panos de seda florentinos em Lisboa no século XV, tendo por base uma operação comercial de 1464-65 que se encontra registada num outro livro de contabilidade que integra o mesmo fundo ao qual pertencem os livros de Michelle da Colle.⁵ Mais recentemente, a autora elaborou um estudo sobre as viagens comerciais entre Itália e Portugal nos finais da Idade Média, incidindo, parcialmente, nos registos de Michele que nos dão conta de uma operação de transporte de uma caixa de brocados entre Pisa e Lisboa, e que tem como destinatário um outro mercador italiano em Portugal.⁶

Apenas estes dois autores se dedicaram ao tema específico da nossa dissertação de mestrado. No entanto, este tipo de trabalhos insere-se numa longa tradição historiográfica de Itália, consequência dos singulares arquivos aí existentes e do tipo de fontes que nestes se encontram. Desde logo, refira-se o historiador Federigo Melis (1914-1973), que incidiu sobretudo no estudo da História da Contabilidade, tendo por base a documentação do Arquivo Datini, e fundou, juntamente com Fernand Braudel, o reputado *Istituto Internazionale di Storia Economica Francesco Datini*, em Prato. Contemporâneo deste autor é Raymond de Roover, investigador belga, que se destacou pelo completo trabalho sobre letras de câmbio,⁷ tendo também publicado um estudo de grande amplitude sobre o Banco Medici (1397-1494).⁸ Entre os estudos sobre as companhias bancárias italianas, e apenas para citar alguns exemplos, dispomos da

¹ Projecto ENPrESA (Entreprise, Négoce et Production en Europe (XV^e- XVI^e siècles). Les compagnies Salviati), financiado pela Agence Nationale de la Recherche (2013-2016) e dirigido por Mathieu Arnoux: <http://salviati.hypotheses.org/>

² Marcelo Berti, “La aziende da Colle: una finestra sulle relazioni commerciale tra la Toscana ed il Portogallo a metà del Quattrocento” in *Toscana e Portogallo: Miscellanea Storica* (Pisa: Edizioni ETS, 1994), 58-105.

³ *Ibidem*, 58-105.

⁴ Joana Sequeira, “Michele da Colle”, 21-34.

⁵ Joana Sequeira, “A companhia Salviati-Da Colle e o comércio de panos de seda florentinos em Lisboa no século XV”, *De Medio Aevo* (2015): 47-62.

⁶ Joana Sequeira, “Entre Lisboa e Pisa: alguns exemplos de viagens comerciais no terceiro quartel do século XV”, in *Ao Tempo de Vasco Fernandes* (Viseu: DGPC/ Museu Nacional Grão Vasco/ Projecto Património, 2016), 173-185.

⁷ Raymond De Roover, *L'évolution de la Lettre de Change, XIV^e-XVIII^e siècles* (Paris: École Pratique des Hautes Études - VI^e section, Centre de Recherches Historiques, 1953).

⁸ Raymond de Roover, *Il Banco Medici. Dalle origini al declinio (1397-1494)* (Florença: La Nuova Italia Editrice, 1970).

dissertação de doutoramento de Antonio Carlomagno sobre o Banco Salviati de Pisa entre 1438 e 1489,¹ e do trabalho de Sergio Tognetti relativo ao Banco Cambini no século XV.² Destes autores, apenas Antonio Carlomagno trabalhou diretamente com documentação do Arquivo Salviati.

Olhando para o caso português, não encontramos estudos sobre contabilidade comercial na Idade Média pelo simples facto de não existir documentação para tal. No entanto, isto não significa que não existam trabalhos que tenham procurado analisar outros tipos de registos contabilísticos que chegaram até nós. De uma forma breve, vamos recordar os estudos e as fontes de que dispomos para o estudo da prática contabilística portuguesa nos séculos XIV e XV.

Para o século XIV, temos o trabalho de Anísio Saraiva, que estuda um livro de despesas da Casa do bispo de Lisboa, o único exemplar deste tipo que nos chegou de uma casa episcopal portuguesa na Idade Média.³ Uma fonte semelhante é o *Livro de Despesas do Prioste do Cabido da Sé de Évora* (1340-1341 e 1379-1382), no qual são registados os pagamentos efectuados aos membros do cabido.⁴ É ainda de destacar o *Livro da Fazenda da Mesa Episcopal do Bispo de Évora*, no qual se registam as propriedades e também as rendas e demais rendimentos.⁵ Ainda para o século XIV, temos o *Livro das Campainhas*, com um rol das despesas anuais do mosteiro de Grijó efectuado em 1365.⁶

Uma outra fonte importante são os *Livros de Contas* municipais que se encontram no Arquivo Histórico Municipal de Loulé.⁷ Foram estudados por Maria de Fátima Botão,⁸ que analisou as receitas e as despesas registadas nestes livros de contas entre 1348 e 1482. A autora publica também, em anexo, a transcrição do livro de 1450-51. Este último livro já tinha sido estudado por Iria Gonçalves.⁹ Pensando em história da contabilidade em Portugal, Iria Gonçalves parece-nos ser o nome que sobressai: na sua tese de doutoramento, sobre o Mosteiro de Alcobaça, dedica um ponto às receitas e despesas do mosteiro, apresentando um rol de despesas elaborado em 1334 e um livro de contas relativo ao período de 1437-1440.¹⁰ Ainda desta autora, é de referir o trabalho sobre as finanças municipais do Porto, estudadas a partir dos *Livros do Cofre*, uma série de cadernos de gestão municipal onde estão registadas as despesas e as receitas do

¹ Antonio Carlomagno, *Il Banco Salviati di Pisa: commercio e finanza di una compagnia fiorentina tra il 1438 e il 1489* (Pisa: Universidade de Pisa, 2009).

² Sergio Tognetti, *Il Banco Cambini. Affari e mercati di una compagnia mercantile-bancaria nella Firenze del Quattrocento* (Florença: Leo S. Olschki Editore, 1999).

³Anísio Miguel de Sousa Saraiva, “O quotidiano da Casa de D. Lourenço Rodrigues, bispo de Lisboa (1359-1364): notas de investigação”, *Revista Lusitania Sacra* (2005): 419-438.

⁴Bernardo de Vasconcelos e Sousa, Fernando Vieira da Silva e Nuno Monteiro, “Livro de despesas do prioste do Cabido da Sé de Évora”, *Revista de História Económica e Social* (1982).

⁵Sebastião Reis, *Livro da Fazenda da Mesa Episcopal do bispo de Évora nos séculos XIV e XV* (Évora: Edições Salesianas, 1967).

⁶Jorge de Alarcão e Luís Carlos Amaral, *Livro das Campainhas (códice da segunda metade do século XIV)* (Vila Nova de Gaia: Câmara Municipal de Vila Nova de Gaia, Documentos de Vila Nova de Gaia 4, 1986).

⁷ Luís Miguel Duarte, “Documentação medieval e moderna recentemente incorporada no Arquivo Municipal de Loulé”, *Revista de História* (1995): 69-73.

⁸ Maria de Fátima Botão, *A construção de uma identidade urbana no Algarve medieval. O caso de Loulé*, (Casal de Cambra: Editora Caleidoscópico, 2009).

⁹ Iria Gonçalves, “Despesas da Câmara Municipal de Loulé em meados do século XV”, *Actas das I Jornadas de História medieval do Algarve e Andaluzia* (1987): 185-204. Ainda em relação a esta documentação de Loulé, não podemos esquecer o trabalho de Stéphane Boisselier: “Les dépenses d'un Concelho Portugais, Loulé (Algarve), à la fin du XIV^e siècle à travers un livre de délibérations Municipales (Vereações),” in *La Fiscalité des Villes au Moyen Age (Occident Méditerranéen). La Redistribution de l'impôt* (Toulouse: Privat, 2002).

¹⁰ Iria Gonçalves, *O património do mosteiro de Alcobaça nos séculos XIV e XV* (Lisboa: Universidade Nova, 1989), 311-312.

concelho da segunda metade do XV.¹ Esta fonte mereceu, mais recentemente, a atenção de Arnaldo Sousa Melo.²

Ainda para a cidade do Porto, temos o trabalho de Luís Miguel Duarte e Luís Carlos Amaral sobre o *Livro da Receita da Rua Ferosa*, onde se registaram os pagamentos da finta de 1438 para o financiamento da abertura da Rua Nova na cidade.³

No que toca à contabilidade municipal, temos ainda o estudo de José Marques sobre os cadernos de contas de Mós de Moncorvo de 1439⁴ e o de Jorge Fonseca relativo ao *Livro de Receita e Despesa do Concelho de Montemor-o-Novo do ano de 1461*.⁵ Por fim, existe ainda um livro de receitas e despesas da Câmara de Elvas (1432-33), que foi transcrito e encontra-se em estudo por Joana Sequeira e Sérgio Ferreira.⁶

Como podemos verificar, os trabalhos que elencámos até agora dizem respeito à contabilidade municipal e à contabilidade religiosa. Quando pensamos em contabilidade do Estado, a primeira referência que temos é o trabalho de Virgínia Rau relativo à Casa dos Contos.⁷ No entanto, esta autora, no ponto que à Idade Média diz respeito, dedicou-se mais às questões institucionais e de definição das funções dos diferentes cargos que compunham este organismo. António de Castro Henriques publicou um fragmento da Casa dos Contos, datado dos finais do século XIV, que contribui para o alargamento dos conhecimentos de numismática ao dar-nos informações sobre a cunhagem do pelado, uma moeda até agora desconhecida.⁸ Recentemente, contribuimos com um pequeno estudo onde procuramos analisar esta instituição nos reinados de D. João I e D. Duarte, tendo por base a documentação presente nos livros de Chancelaria destes dois monarcas, destacando os dois livros denominados de livros da Casa dos Contos.⁹ Jorge Faro, ao contrário de Virgínia Rau, voltou o seu estudo para um conjunto de registos de receitas e despesas da Coroa, entre

¹ Iria Gonçalves, *As finanças municipais do Porto na segunda metade do século XV* (Porto: Arquivo Histórico, Câmara Municipal do Porto, 1987).

² Arnaldo de Sousa Melo, "Comptabilités municipales : les livres des comptes de Porto dans la deuxième moitié du XVe siècle", *Comptabilités. Revue d'histoire des comptabilités* (2011) [consultado em 30 de Novembro de 2015]. Disponível em: <http://comptabilites.revues.org/609> e Arnaldo de Sousa Melo, "Le vocabulaire des comptabilités portugaise dans les livres de comptes municipaux de Porto de la deuxième moitié du XVe siècle", *Comptabilités. Revue d'histoire des comptabilités* (2012) [consultado em 30 de novembro de 2015]. Disponível em: <http://comptabilites.revues.org/1184>.

³ Luís Miguel Duarte e Luís Carlos Amaral, "Os homens que pagaram a Rua Nova (fiscalidade, sociedade e ordenamento territorial no Porto Quatrocentista)", *Revista de História – Centro de História da Universidade do Porto* (1985).

⁴ José Marques, "A administração municipal de Mós de Moncorvo em 1439" *Brigantia – Revista de Cultura* (1985).

⁵ Jorge Fonseca, *Montemor-o-Novo no século XV* (Montemor-o-Novo: Câmara Municipal de Montemor-o-Novo, 1998).

⁶ Joana Sequeira e Sérgio Ferreira apresentaram os primeiros resultados do seu trabalho, denominado "A gestão de uma vila alentejana no século XV: o livro de receitas e despesas da Câmara de Elvas de 1432-33", no *II Seminário Internacional: Memória, Identidade e Imagem da cidade na Idade Média* (CIDEHUS – Universidade de Évora), 13 e 14 de Outubro de 2011.

⁷ Virgínia Rau, *A Casa dos Contos. Os três mais antigos regimentos dos Contos* (Lisboa: Imprensa Nacional Casa da Moeda, 2009). A 1ª edição é de 1951.

⁸ António de Castro Henriques, "Um fragmento da Casa dos Contos e o seu contributo para a História Monetária," *Fragmenta Historica - História, Paleografia e Diplomática* (2013). Disponível em http://www2.fcsh.unl.pt/ceh/revista/revista_numero_2013.html [Consultado em 15 de Fevereiro de 2016].

⁹ Ana Clarinda Cardoso, "A estruturação da Contabilidade da Coroa nos reinados de D. João I e de D. Duarte: os Regimentos mais antigos da Casa dos Contos", *História – Revista da FLUP*, (2015), 79-92.

o período de 1384-1481.¹ Para o ano de 1470, contamos com o *Livro de recebimentos da Chancelaria da Câmara de Lisboa*, publicado e estudado por Damião Peres.²

3. ESTRUTURA E OBJECTIVOS

A definição da estrutura, desde o momento inicial, está interligada com os principais objectivos da dissertação e que estão divididos em três grandes grupos: contabilidade, atividade comercial do mercador e atividade financeira do mesmo. No entanto, numa primeira fase, pensámos em incluir um ponto prévio no qual elaboraríamos uma breve descrição da conjuntura económica de Portugal para o período em estudo (década de 60 do século XV), mas que acabámos por não concretizar. A razão que nos levou a não incluir este ponto, para além das limitações no número de páginas que nos são impostas, prende-se com o facto de incorremos numa repetição de assuntos já tratados de forma completa por outros autores, como Rodrigo da Costa Dominguez,³ que nos dá um estado da arte completo sobre o tema dos mercadores em Portugal e das relações com o exterior, e ainda Filipe Themudo Barata, que nos permite conhecer as relações de Portugal e dos mercadores portugueses no Mediterrâneo na Baixa Idade Média.⁴

Todavia, interligado com este ponto de contextualização, não foi possível deixar de lado uma análise mais cuidada em relação à presença de mercadores estrangeiros em Portugal, com especial atenção para a presença de italianos. Desta forma, a nossa dissertação de mestrado inicia com uma abordagem que parte do geral para o particular: analisámos as diferentes comunidades de italianos para, posteriormente, incidirmos na comunidade florentina e culminarmos no percurso de Michele da Colle.

Em relação ao primeiro grande grupo que definimos, a contabilidade, trata-se de um ponto que, desde o início da nossa investigação, se mostrou essencial. A elaboração deste capítulo teve como finalidade dotar-nos de algum conhecimento técnico no âmbito da contabilidade e dos registos contabilísticos que nos forneceu as competências necessárias para interpretar e analisar os livros de Michele e os dados que nele estão inscritos, já que trabalhámos com um fonte técnica e bastante complexa.

Ao elaborarmos a nossa investigação sobre este tema deparamos com a questão das partidas dobradas,⁵ um método de registo contabilístico que ainda hoje é alvo de discussão em relação às suas origens e, sobretudo, em relação às regras que o definem. Assim, considerámos pertinente ter um ponto no qual elaborámos uma análise dos livros de Michele do ponto de vista deste método de registo, no qual seguimos os principais investigadores deste tema e até o Tratado de partidas dobradas da autoria de Luca Pacioli (1494).⁶ Para além disto, foi neste primeiro capítulo que inserimos a

¹ Jorge Faro, *Receitas e Despesas da Fazenda Real de 1384 a 1481: subsídios documentais* (Lisboa: Instituto Nacional de Estatística, Centro de Estudos Económicos, 1965).

² Damião Peres, *O Livro de recebimentos de 1470 da Chancelaria da Câmara* (Lisboa: Academia Portuguesa de História, 1974).

³ Rodrigo da Costa Dominguez, *Mercadores e Banqueiros: sociedade e economia no Portugal dos Séculos XIV e XV* (Brasília: Interlândia, 2009).

⁴ Filipe Themudo Barata, *Navegação, Comércio e Relações Políticas: Os Portugueses no Mediterrâneo Ocidental (1385-1466)* (Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1998).

⁵ De uma forma breve, é um tipo de anotação que se define por um registo duplo de uma só operação: em débito, ou seja, a despesa dessa operação; e em crédito, isto é, a receita que essa mesma operação gerou. Importa notar que receita não implica necessariamente a entrada de um valor numérico, pode ser em espécie. Por exemplo, na aquisição de mercadorias, o valor pago por elas é o débito e a mercadoria em si representa o acréscimo de valor numa dada conta, que pode ser a conta de mercadorias.

⁶ Tivemos oportunidade de discutir este ponto mais técnico em dois congressos: um organizado pela Associação Portuguesa de Técnicos de Contabilidade (*IV Encontro Internacional Luca Pacioli: Lisboa, Três Séculos Depois, as Partidas Dobradas* – 2015), com a comunicação “Os

análise e a caracterização da fonte da nossa dissertação que é composta pelos dois livros de contabilidade que Michele da Colle redigiu nos dois primeiros anos como mercador em Lisboa.

Os dois grupos seguintes, atividade comercial e financeira, são aqueles onde incidimos a fundo no conteúdo da fonte. No primeiro, procurámos traçar o perfil comercial de Michele, analisando quais os produtos que marcam as suas operações, divididos entre matérias-primas, produtos manufacturados e objetos do quotidiano; e identificando os seus clientes e fornecedores. No capítulo da atividade financeira, elaborámos uma análise individualizada dos instrumentos financeiros utilizados pelo mercador e, tal como no grupo anterior, incidimos sobre os seus clientes e as praças que se destacam, bem como as diferentes moedas e taxas de câmbio utilizadas. De uma forma geral, podemos considerar que estes dois grupos não sofreram grandes alterações, apesar de a sua estruturação e definição ter-se constituído à medida que o processo de investigação foi avançando e fomos reunindo mais dados. No momento em que iniciámos a nossa investigação não dispúnhamos, por exemplo, da informação sobre o total dos instrumentos financeiros que Michele utilizou nem da identificação de cada um desses instrumentos.

Uma das nossas propostas iniciais para esta dissertação passava pela elaboração de um capítulo no qual analisaríamos com maior detalhe as redes estabelecidas por Michele da Colle. Tal não foi possível fazer em virtude das limitações impostas a uma dissertação de mestrado. Contudo, aproveitámos os dados entretanto recolhidos para elaborar um conjunto de minibiografias – ainda que incompleto - dos diferentes parceiros e clientes deste mercador e que colocámos em anexo. Para além disso, ao longo do texto, fomos chamando a atenção para a constituição destas redes. Do mesmo modo, ao longo dos capítulos fomos também destacando alguns factos históricos relativos às praças comerciais envolvidas e que acabam por se refletir nestes livros.

4. METODOLOGIA

Para analisar a atividade comercial e a financeira empreendemos um rigoroso e completo levantamento de dados. Começámos por levantar os registos do *giornale*, tendo em conta que este livro é tido como o mais importante do processo contabilístico. No entanto, para cada operação registada no *giornale*, consultámos as respetivas remissões no livro *mastro*, cruzando assim as informações. Inserimos os dados recolhidos numa base em Excel para um total de 351 operações. As outras secções do *ricordanze* apenas foram consultadas pontualmente para completar informações sobre alguns registos. Ficaram, assim, fora do âmbito desta dissertação várias informações sobre os negócios futuros do mercador.

Para além da referência da localização na fonte e da data da operação, na organização interna da base de dados criámos um campo para definir o tipo de operação: comercial ou financeira. No caso das operações comerciais, foi preciso definir o tipo de mercadoria transacionada, a tipologia de operação (venda, compra, importação, exportação) e os clientes ou fornecedores. No caso das operações financeiras, foi necessário identificar o instrumento financeiro, a moeda utilizada, as taxas de conversão (no caso de utilização de moeda estrangeira), as figuras envolvidas e o respetivo papel desempenhado.

No entanto, tendo em conta a especificidade que cada uma das atividades revelou, considerámos que seria importante extrair dessa primeira base de dados duas novas tabelas que permitissem um tratamento mais específico das informações. Assim, na tabela da atividade comercial, para além dos campos já mencionados, procurámos agrupar as mercadorias segundo diferentes tipologias: matérias-primas, produtos

livros de contas do mercador Michele da Colle (1462-63)”; e, o segundo promovido pela Ordem dos Contabilistas Certificados (*VIII Encontro de História da Contabilidade – 2015*), com a comunicação “Os livros de contas de Michelle da Colle (1462-63): primeiro exemplo de partidas dobradas em Portugal?”.

manufaturados, impostos e transportes inerentes à atividade comercial, e serviços. Ao preenchermos estas categorias, surgem outras: os preços (unitários e totais), as unidades de medida e, claro, as quantidades. A tabela específica da atividade financeira foi particularmente difícil de elaborar, dada a própria complexidade e especificidade dos seus registos. Começamos por identificar qual o instrumento financeiro em questão e a respetiva conta de receita e de despesa. No entanto, no caso das letras de câmbio, em que há quatro funções ocupadas por personagens distintas, foi necessário assinalar tais informações na tabela. Importa notar que neste ponto das letras de câmbio encontramos uma das principais dificuldades: não dispomos das letras em si, mas somente dos registos contabilísticos que essas letras originaram e que são elaborados sempre na perspetiva da função que o mercador ocupa em cada letra (dador, tomador, pagador, beneficiário).

No levantamento dos dados para a tabela da atividade financeira, o campo relativo ao valor desdobra-se em algumas variáveis: identificação da moeda em que decorre a operação, taxa de câmbio e valor correspondente em reais portugueses. Por fim, foi ainda necessário identificar as praças financeiras envolvidas. Esta tabela permitiu criar uma representação cartográfica dos dados que tem como objetivo perceber quais as praças mais expressivas e quais os principais fluxos financeiros que caracterizam a atividade financeira deste mercador.

Foi através desta base de dados ramificada que elaborámos as análises presentes nos diferentes capítulos centrais da dissertação e as várias tabelas e gráficos que os acompanham. Todavia, a construção da base esteve longe de ser um processo simples de verter informações de um livro manuscrito para uma tabela digital. Não podemos esquecer que estamos a trabalhar com uma fonte técnica, com um registo que obedece a um conjunto de procedimentos, de formulários e de terminologia específicos que estavam já enraizados na cultura mercantil italiana da época e que, aos nossos olhos, por vezes se revelam difíceis de decifrar e de descodificar. Para além disso, também encontramos registos incompletos, em que, por exemplo, percebemos tratar-se de uma operação comercial, mas onde não dispomos de informação sobre a mercadoria transacionada. No caso da atividade financeira, como já referido, a complexidade dos próprios instrumentos representou um problema acrescido. É nestas operações que se utiliza terminologia mais específica e onde é necessário fazer um cruzamento exaustivo dos diferentes registos feitos para uma mesma operação. As dificuldades na interpretação dos registos e na descodificação de uma linguagem por vezes demasiado técnica fez com que por vezes fosse praticamente impossível perceber quais as relações que estavam na base das operações.

Um outro passo da nossa metodologia, que partiu da impossibilidade da elaboração de um capítulo de análise das redes comerciais e financeiras estabelecidas por Michele, é relativo à construção de minibiografias para as diferentes personagens presentes nos registos. Os livros são compostos por cerca de 70 contas, mas encontramos mais figuras patentes nas relações deste agente económico e que não puderam ser ignoradas.

CONCLUSÃO

Estes dois livros de contabilidade constituem exemplares únicos em Portugal e são uma fonte excepcional para o período em estudo, representando uma visão direta das redes estabelecidas por este mercador a partir de Lisboa. Quanto à tipologia da fonte, os livros de Michele não conhecem paralelo na Idade Média em Portugal. No entanto, quando pensamos na Toscana, verificámos que estes livros se inserem num período de definição e aperfeiçoamento do método de partidas dobradas. Esta época culmina no tratado de Luca Pacioli, de 1494, no qual se reúnem e definem as principais regras deste método e que valeram ao seu autor o título de “pai da contabilidade”. A delimitação temporal da fonte pode ser encarada como uma vantagem, pois permite-nos obter informações mais pormenorizadas para determinados acontecimentos e operações comerciais que, por sua vez, nos podem conduzir a reflexões mais detalhadas e até avançar com algumas interpretações. A título de exemplo, através das contas de

despesa da casa podemos conhecer um pouco do quotidiano de Michele da Colle: com quem dividia casa, quem o acompanhava nas suas viagens, que artigos para uso doméstico que adquiriu, entre outros aspectos.

No final do percurso de investigação, estamos aptos para fazer um balanço entre as atividades comercial e financeira desenvolvidas pelo mercador e perceber qual era o seu verdadeiro papel na economia portuguesa nos primeiros anos da segunda metade do século XV. A atividade financeira representa 86% dos valores transacionados por Michele da Colle, contra uns meros 14% da atividade comercial. Isso é bastante significativo se pensarmos que temos 103 registos para a atividade comercial e apenas 57 para a financeira. Por isso insistimos na posição deste mercador na praça de Lisboa: Michele da Colle é sobretudo um agente financeiro. Esta observação vai ao encontro das conclusões de Virgínia Rau, quando escreve que “o papel dos italianos no comércio português do século XV era essencial (...) no que respeitava aos capitais e técnica bancária em que eram mestres”.¹

Em relação à rede de relações de Michele da Colle, apesar de esta ser uma fonte limitada a nível cronológico, constatámos o elevado grau de riqueza que encerra no que a este ponto diz respeito. Trata-se de uma rede composta por altos membros da nobreza e do clero de Portugal e pelas figuras mais destacadas da comunidade judaica portuguesa e por outros mercadores italianos. De todos os clientes de Michele da Colle, importa talvez destacar o bispo de Coimbra, D. João Galvão. Estes livros revelam-nos um prelado ligado à alta finança, que desempenha em pleno a função de financeiro em operações nas quais Michele pretende adquirir moeda portuguesa. Para além de figurar em operações financeiras, surge também como um dos clientes dos veludos de Michele, sendo mesmo o cliente que paga o valor mais alto por eles e que é responsável por uma das mais avultadas operações de transporte, quando recorre a Michele para trazer seis caixas de livros e outros objetos de Siena até Portugal. A relação entre D. João Galvão e Michele da Colle serve os interesses de ambos e é reveladora da posição ocupada por Michele na sociedade portuguesa de Quatrocentos. Concluir o projeto de uma análise individualizada de cada agente que compunha esta rede de negócios afigura-se como de grande importância para percebermos de que forma estas relações se estabeleceram e que propósitos serviam.

A rede de Michele não está limitada a Portugal: o mercador estabelece relações de confiança com agentes correspondentes em diferentes praças estrangeiras: Itália, Barcelona, Valência, Sevilha e Cádiz. No caso de Valência, está em contacto com dois dos mercadores italianos mais destacados dessa cidade nos finais do século XV: Bartolomeo Cambini e Bernardo Vai. O destaque de Valência explica-se pelo facto de Michele aí ter vivido durante os cinco anos que antecederam a sua instalação em Lisboa, mas também porque neste período a cidade está a atravessar uma fase de ascensão enquanto praça comercial e financeira, ao contrário de Barcelona que se encontrava em dificuldades económicas e estava envolvida num contexto de guerra civil. Falamos de dois aspectos determinantes da conjuntura histórica deste período e que se encontram claramente reflectidos nos registos de Michele da Colle.

Após treze anos como mercador estante na cidade de Lisboa, Michele regressa a Itália e ingressa nos quadros do Banco Salviati de Pisa e, posteriormente, no de Florença. Que motivações estão por detrás deste abandono da praça lisboeta, tendo em conta que as relações comerciais e financeiras entre a companhia e Portugal vão continuar até ao século XVI? Como nos diz Luisa D'Arienzo, a estratégia comercial dos mercadores toscanos passava mais pela constituição de grandes companhias do que propriamente pela ação de pequenas companhias familiares.² É possível que Michele tenha percebido que seria mais vantajoso integrar uma grande companhia e abdicar da

¹ Virgínia Rau, "Privilégios e Legislação Portuguesa referentes a mercadores estrangeiros (sécs. XV e XVI), *Estudos de História: Mercadores, Mercadorias, Pensamento Económico* (Lisboa: Editorial Verbo, 1968): 137.

² Luisa D'Arienzo, *La presenza degli italiani in Portogallo al tempo di Colombo* (Roma: Istituto Poligrafico e Zecca dello Stato, 2003), 549.

sua pequena empresa familiar, até porque no segundo quartel do século XV a concorrência italiana aumentou consideravelmente em Lisboa com a entrada massiva de novos produtos exóticos que requeriam outros níveis de investimento, que apenas homens de “grossa fazenda” estavam em condições de fazer¹.

¹ Expressão utilizada por Damião de Góis para se referir a Bartolomeo Marchionni, grande empresário florentino ao serviço da companhia Cambini em Portugal nos finais do século XV e inícios do XVI. (Francesco Guidi Bruscoli, *Bartolomeo Marchionni «Homem de grossa Fazenda» (ca. 1450-1530). Un mercante fiorentino a Lisbona e l'impero portoghese* (Florença: Leo S. Olschki Editrice, 2014).